

36º ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS - 2012

GT06 - Desigualdade e estratificação social

O MOVIMENTO DE CLASSES SOCIAIS APÓS A REESTRUTURAÇÃO PRODUTIVA NO UNIVERSO PRODUTIVO DO CALÇADO EM FRANCA/ SP

Alexandre Marques Mendes (FAPESP/ UNESP)¹

Agnaldo de Sousa Barbosa (UNESP)²

Resumo

O presente artigo busca apresentar uma contextualização reflexiva acerca das repercussões e influências da reestruturação produtiva, focando atenção no universo de produção de calçados do município de Franca/SP. Destaca-se que a persistência da fabricação com base manufatureira, possibilitou a sobrevivência do “saber-fazer”, fator importante, constituindo porta de acesso ao “mundo empresarial”. A transição do operariado ao patronato (comumente ocorrendo o movimento inverso) se dá, sob mediações que revelam a ambivalência cultural da situação vivenciada por tais indivíduos, consubstanciando um híbrido de empresário-operário. Compreender o movimento de classes nesse contexto consiste em considerar, que a prática do trabalho em domicílio é tradicional em Franca e está associada às estratégias de constituição e reprodução das pequenas e médias empresas calçadistas. Ademais, o processo de reestruturação produtiva fez-se sentir menos pela eliminação de postos de trabalho mediante à introdução de inovações tecnológicas (caráter insignificante para o caso), e mais pela fragmentação da estrutura industrial e pela precarização das relações de produção, com destaque para a hiperintensificação do trabalho domiciliar.

Palavras-chave: Reestruturação produtiva; classe social; setor produtivo do calçado; sapateiros; empresariado.

¹ Pós-Doutorando, em Sociologia, bolsista da FAPESP (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo), junto ao LabDES (Laboratório de Estudos Sociais do Desenvolvimento e Sustentabilidade, da FCHS – Faculdade de Ciências Humanas e Sociais/ UNESP – Campus de Franca.

² Prof. Dr. de Sociologia do DECSPI – Departamento de Educação, Ciências Sociais e Política Internacional, da FCHS - Faculdade de Ciências Humanas e Sociais/ UNESP – Campus de Franca. Coordenador do LabDES (Laboratório de Estudos Sociais do Desenvolvimento e Sustentabilidade)

1- Introdução

As profundas transformações ocorridas com o processo de globalização em curso nas últimas décadas afetaram dramaticamente as dimensões fundamentais da vida social, sobretudo aquelas referentes à dinâmica de acumulação do capital e das formas de organização do trabalho. A atual configuração do capitalismo global orientou um processo de reestruturação produtiva que exigiu, por um lado, a flexibilização no processo de trabalho e, por outro, a sistematização de novas formas de produzir, buscando alcançar a qualidade do produto com menos custos, processo que mobilizou novas tecnologias e novos processos gerenciais de produção. Isto modifica as relações de trabalho e cria novas bases de produção da questão social, percebidas localmente.

O município de Franca³, no interior de São Paulo, tem sofrido como poucos o duro impacto do processo de globalização e reestruturação produtiva do capital em curso nas últimas três décadas. A estrutura econômica local, que se alicerçou predominantemente na exportação de calçados até meados da década de 1980, sofreu duplamente os efeitos da agressiva emergência asiática no comércio mundial: por um lado, perdeu espaço em mercados tradicionais, como o norte-americano, por outro, passou enfrentar forte concorrência interna – o que não acontecia em tempos de economia protegida por elevadas barreiras alfandegárias. Atualmente Franca ainda é o maior pólo fabricante de calçados masculinos do país, com produção anual de 25,9 milhões de pares em 2010 (cerca de 3,2% da produção nacional total) e valores de exportação que chegaram a US\$ 95,74 milhões no mesmo ano – cerca de 6,4% do faturamento total das exportações brasileiras de calçados no ano em questão. Todavia, estes números expressam o dramático declínio diante da imponência de sua projeção um quarto de século antes. No ano de 1984, por exemplo, seu pólo industrial exportou mais da metade dos 32 milhões de pares de calçados que fabricou (equivalente a 11,6% da produção nacional) e o faturamento com as vendas para o exterior atingiu a marca de US\$ 164,5 milhões, o que representou 15% do total das exportações

³ O tema do movimento e dinâmica de das classes sociais, particularmente no contexto do município de Franca/ SP, considerando a inserção, desdobramento e consolidação do setor produtivo do calçado, sempre esteve presente nos estudos de ambos autores, em reflexões e abordagens desde o desenvolvimento do doutorado, cujas concepções vem sendo expostas em artigos, grupo de estudo (LabDES) e apresentadas em seminários ou congressos. BARBOSA, A. S. e MENDES, A. M. (2003); *Intersecções entre capital e trabalho: a indústria do calçado de Franca (Brasil)* – Conlab (Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais)/ Portugal 2008; *Intersecções entre capital e trabalho: a indústria do calçado de Franca (Brasil)* – 19ª Conferência Mundial de Serviço Social/ Salvador/ Bahia 2008.

brasileiras de calçados naquele ano.

As consequências sociais do defluxo econômico são visíveis. De acordo com dados da Relação Anual de Informações Sociais do Ministério do Trabalho e Emprego (RAIS/MTE), o número de trabalhadores empregados na indústria calçadista de Franca decaiu cerca de 25% entre 1985 e 2010, passando de 26.000 para 20.000. E isso em um setor em que predomina ainda a produção em caráter semi-artesanal, no qual as transformações tecnológicas marcadas pela expansão da automação e introdução da microeletrônica não tiveram grande influência. Da mesma maneira, os sintomas da crise econômica mundial de 2008 se fizeram sentir de modo particularmente drástico no município. Em dezembro de 2008 Franca foi a terceira cidade do país com maior saldo de desemprego – e isso em números absolutos! Com saldo negativo de 11.101 empregos, Franca ficou atrás apenas de São Paulo (- 37.286) e Manaus (- 11.938), sendo que estas duas são metrópoles com respectivamente 10, 9 milhões e 1,7 milhões de habitantes. Em fins de 2010 e início de 2011, o problema se repetiu: o município de Franca ocupou em janeiro de 2011 o 8º posto entre as cidades que mais geraram emprego no país, tendo sido em dezembro de 2010 a 2ª cidade paulista (e uma das 10 do país) que mais desempregou (Dados do Cadastro Geral de Emprego e Desemprego – CAGED/MTE).

Tal situação é explicada – e igualmente agravada – pela frágil tessitura do tecido empresarial no município. Em Franca, a resposta do tecido empresarial às exigências da nova dinâmica produtiva capitalista das últimas décadas foi representada por uma drástica fragmentação, evidenciada pelo fato de que houve uma hiperampliação do número de unidades fabris, predominando a proliferação microempresas, que alcançam atualmente mais de mil estabelecimentos e empregam cerca de 2/3 dos trabalhadores industriais (RAIS/MTE, 2010). Em grande medida, os novos microempreendimentos industriais são resultado da criação de novos negócios por parte dos operários desligados das grandes e médias empresas que estão desaparecendo – estas, em seu conjunto, não chegam hoje a 50 estabelecimentos.

A fragilidade da estrutura econômica explica, sem dúvida, o fato de que em 2007 a renda média do trabalhador em Franca era 34,5% inferior à média do trabalhador paulista e 23,2% abaixo da renda média do brasileiro (RAIS/MTE, 2007), situação pouco modificada nos dias atuais: pesquisa do IBGE e Fundação Getúlio Vargas, demonstra que

o município possui renda média de R\$ 871,11 mensais, o que o coloca na 103ª posição no *ranking* do estado e 396ª no país em termos de poder aquisitivo da população. Em termos comparativos, o município vizinho de Ribeirão Preto possui renda média 55% superior: R\$ 1.361,38.

2-Trabalho, universo produtivo do calçado e movimento de classes

Em tempos nos quais se fala de trabalho imaterial (GORZ, 2005), modernidade líquida (BAUMAN, 2001), acumulação flexível (HARVEY, 1995), para se referir ao profundo efeito das transformações em curso, a estrutura econômica do setor calçadista revela mudanças, porém, de ordem bem distinta das processadas nos circuitos mais avançados do capitalismo global. Na indústria do calçado, de forma nenhuma podemos falar de uma expansão do trabalho intelectual e de redução e desvalorização do trabalho manual, cenário utilizado por muitos autores para descrever os novos tempos da sociedade capitalista. Pelo contrário, prevalece ainda nessa indústria a habilidade manual como fator fundamental não apenas na dinâmica da produção, mas também como elemento de ligação para a gênese de inúmeras trajetórias empresariais, conforme se percebeu nos trabalhos de pesquisa que embasam este artigo.

Atualmente, enquanto se assiste nos mais diversos setores o avanço quase sem limites da microeletrônica no que diz respeito ao planejamento, execução e controle dos processos de produção fabris, na indústria do calçado tal dinâmica é ainda incipiente, restringindo-se praticamente à concepção do produto. Estudos recentes nos dão uma idéia do presente estágio tecnológico dessa indústria no Brasil e no mundo. Achyles Barcelos da Costa ressalta, por exemplo, que a produção de calçados ainda

caracteriza-se por constituir um processo de trabalho de natureza intensiva em mão-de-obra, **com tecnologia de produção que guarda ainda acentuado conteúdo artesanal**. Assim, esta indústria apresenta elevado potencial de emprego, desempenhando importante papel na incorporação de mão-de-obra, inclusive não-especializada (1993, p. 1, grifo nosso).

Conforme também observa, a própria natureza do calçado como produto é um elemento a obstaculizar a modernização técnica da sua fabricação: “a complexidade das

fases de costura e montagem, onde se concentra cerca de 80% da mão-de-obra, tem limitado as possibilidades de automação” (1993, p. 2). No mesmo sentido, Valmíria Carolina Piccinini assinala que “a tecnologia da maioria das máquinas utilizadas no setor calçadista é relativamente simples”, sendo que “presentemente 50 a 60% das máquinas utilizadas na fabricação do calçado são convencionais, isto é, não dispõem de dispositivos eletrônicos” (2001, s/p). Mesmo em países onde a indústria calçadista apresenta maior evolução técnica, o processo de fabricação do sapato mantém poucos traços que possibilitem identificar procedimentos tecnológicos avançados. Em pesquisa sobre o operariado da indústria de calçados portuguesa, Elísio Estanque assinala que

pode dizer-se que o calçado é um daqueles sectores em que a automação é assaz limitada. Mesmo nas tarefas mais mecanizadas, **a componente manual tem um peso significativo**. Em todas as posições da linha de montagem essa componente está presente, muito embora haja umas que são mais facilmente efectuadas do que outras” (2000, p. 246, grifo nosso).

No que diz respeito propriamente às especificidades das condições de produção que caracterizam a fabricação do calçado, na cidade de Franca, cabe destacar que o processo de reestruturação produtiva que acompanha o curso da globalização não teve como traços fundamentais os avanços do aprimoramento tecnológico. Barbosa (2006) demonstra, em perspectiva histórica, que o predomínio do trabalho manual e a lenta transformação tecnológica do setor contribuíram para emergência nos anos 1930/40 de uma “burguesia de pés descalços”, saída das oficinas de sapateiros e do quadro de operários das primeiras manufaturas, que foi a base da formação do pólo calçadista do município. Com efeito, muitas das condições presentes àquela época persistem nos dias atuais, considerando que a fabricação de calçados demanda baixos investimentos por constituir-se de um processo de trabalho de natureza intensiva em mão-de-obra, com tecnologia de produção que guarda ainda acentuado conteúdo artesanal. Portanto, a fabricação de calçados se manteve tecnologicamente deficitária se comparada com outros setores, tais como a indústria metal-mecânica e a indústria têxtil. portanto, no caso da indústria calçadista, de forma alguma podemos falar de uma expansão do trabalho intelectual e de redução e desvalorização do trabalho manual. Pelo contrário, prevalece ainda nessa indústria a habilidade manual como fator fundamental para a dinâmica da produção de calçados.

A persistência da fabricação predominantemente manufatureira na indústria do calçado possibilitou a sobrevivência do “saber-fazer” e da “habilidade” como fatores importantes no universo da produção, não fazendo da subsunção plena do trabalho à maquinaria uma realidade incondicional. Esse aspecto manufatureiro, do ofício, da habilidade manual, constitui um elemento chave para compreender as dinâmicas de classe social em Franca, uma vez que é também a base para emergência de “novos” empresários do setor, no qual esse capital simbólico é decisivo para início de algum empreendimento no setor, ainda que pouco considerado em termos históricos e culturais.

A despeito da experiência exitosa na trajetória de mobilidade social de muitos empresários do setor, observa-se que em Franca centenas de ex-operários, sem alternativa diante do fechamento de seus locais de trabalho, se viram forçados a se estabelecer como empresários. E no território produtivo analisado, esse processo subverte a constatação de David Harvey (1995) e André Gorz (2005) segundo a qual, no contexto da globalização, a proliferação de novos pequenos negócios se dá como complemento às atividades do grande capital; no pólo industrial de Franca a emergência de novos empresários se dá com surpreendente vigor na linha de frente dessa indústria, ou seja, na atividade principal voltada para o mercado: a fabricação de calçados. Não raro, os parques capitais e, por conseguinte, o obsoletismo tecnológico, os empurram para espaços marginais do mercado, distantes dos nichos mais rentáveis e caracterizados pela concorrência draconiana. Somado a estes fatores, sua quase sempre deficiente formação cultural o coloca permanentemente frente ao risco de sucumbir aos imperativos da boa gestão e da habilidade no mundo das finanças.

Portanto, em Franca, é assaz comum como aspecto cultural do processo produtivo, um fenômeno típico dos novos tempos do capitalismo que consiste no auto-emprego. Essa movimentação social em Franca coincide com a observação de Bernardo Sorj:

"[...] as novas gerações de classe média tanto empregam-se nas grandes empresas como administram seu auto-emprego. Surge assim, em todo país, uma miríade de novas pequenas empresas (que muitas vezes não chegam a ser registradas como tais para não pagar impostos), particularmente nos setores de informática, telecomunicações, cultura e publicidade, e um novo tipo de técnico e profissional que circula entre empregos formais e experiências de criação de pequenas empresas ou oferta de serviços de apoio e consultoria, em especial nas áreas de

telemática (tecnologias de comunicação e informática associadas)". (SORJ, 2001, p. 80).

No entanto, esse fenômeno de auto-emprego, típico dos novos tempos do capitalismo, em Franca, segundo Barbosa (2006), tem como uma das suas dimensões a superação das fronteiras da prestação de serviços, no qual a emergência de novos “empresários” se dá com surpreendente vigor na linha de frente, com a grande indústria de calçados.

"[...] os pequenos negócios, as estruturas organizacionais patriarcais e artesanais também floresceram. Novos sistemas de coordenação foram implantados, quer por meio de uma complexa variedade de arranjos de subcontratação (que ligam pequenas firmas a operações de larga escala, com frequência multinacionais), através da formação de novos conjuntos produtivos em que as economias de aglomeração assumem crescente importância, quer por intermédio e da integração de pequenos negócios sob a égide de poderosas organizações financeiras ou de marketing (a Benetton, por exemplo, não produz nada diretamente, sendo apenas uma potente máquina de marketing que transmite ordens para um amplo conjunto de produtores independentes)". (HARVEY, 2005, p. 150).

Em Franca a maioria destes novos “empresários” constitui seus negócios quaisquer noções de preceitos contábeis, de marketing, de processos de produção e informação ou de logística, entre tantas outras habilidades básicas para a administração de uma empresa no estágio atual do mercado capitalista. Nesse sentido, a expressão da reestruturação do capitalismo no pólo calçadista de Franca obedece a uma dupla dinâmica, de um lado, uma intensa fragmentação do tecido empresarial representada pela predominância absoluta de micro e pequenas empresas especializadas na fabricação de calçados, que passaram a responder por 2/3 da geração de emprego no setor⁴. Por outro lado, essa dinâmica tem com a hiperintensificação da subcontratação, também chamada de “terceirização”, ou seja, a recolocação de parte do processo produtivo por meio da subcontratação de empresas e/ou pessoas especializadas na realização dos mais diversos serviços próprios a essa indústria: pesponto, corte, chanfração, entre outros.

O pressuposto que apresentamos é de que a dinâmica do processo de

⁴ Para uma visão pormenorizada da dinâmica de fragmentação do tecido empresarial ver: BARBOSA & SOUZA (2011).

reestruturação produtiva, que se intensifica a partir dos anos 1990 no município e região, com o peculiar caminho assinalado acima, redimensiona e reinventa uma ética do trabalho, numa perspectiva pouco legível que, a um só tempo, precariza as relações de trabalho e proporciona novas dinâmicas sociais, como o fenômeno do auto-emprego, instaurando também um mercado de trabalho informal domiciliar ampliado.

Diante da especificidade do objeto de estudo, nossa opção teórica para a análise da constituição desse movimento de classes prende-se à tentativa de nos aproximarmos de sua *experiência efetiva*, resistindo à idéia de interpretá-los como uma “classe no papel”, uma “classe em pensamento. Sua transição de uma condição à outra – do operariado ao patronato – se dá em grande parte dos casos sob mediações que revelam a ambivalência da situação vivenciada por tais indivíduos, consubstanciando um híbrido de empresário-operário.

A grande questão é como reconhecer as facetas desse movimento de classes, na perspectiva do capitalismo flexível, pois para as gerações acostumadas com o “tempo fordista”, atualmente a métrica do tempo é diferente, não é mais somente um ato de repressão e dominação praticado pela administração em nome do crescimento de uma organização industrial. A perspectiva flexível é também verificada no universo produtivo calçado. Ademais, por outro lado, fatores como segurança do emprego e compromisso com a empresa, que mantinham as pessoas em seus lugares são abaladas. Os trabalhadores hoje tendem a não ficarem presos ao lugar, como sugere Sennett (2001), impondo-se uma apreensão cotidiana com emprego e essa apreensão aumenta quando as experiências passadas parecem não servir de guia para o presente.

3- Classe no papel e a classe real

Temos que considerar, dentro da perspectiva inaugural das classes sociais dentro do contexto do capitalismo moderno, que, de fato, Marx e Engels (1980), sobretudo sintetizada na antológica frase, “A história de todas as sociedades que existiram até nossos dias tem sido a história das lutas de classes”, insere um novo jeito de se entender os conflitos humanos, refletindo em perspectiva histórica o momento específico de profundas transformações sociais. Entretanto, seu essencial mérito não se restringe e nem tem a

pretensão de exigir obrigatoriamente uma conceituação de “classe” para momentos históricos anteriores. Não é a “classe” o foco analítico, mas sim o conflito social. O que nos afirmam Marx e Engels é que essa sociedade que “brota das ruínas do feudalismo” não rompe com esse antagonismo, ao contrário, intensifica-o na divisão de duas classes diametralmente opostas: a burguesia e o proletariado. Portanto, esse é o contexto da criação histórica das classes sociais, ou seja, não há classes sociais antes do advento da sociedade burguesa capitalista. Em grossas linhas, pode-se admitir que, na perspectiva marxista, o proletariado é definido como classe no nível das relações econômicas, o qual adquire espontaneamente a consciência de sua missão histórica revolucionária, auxiliada em certo sentido pela função do partido político apoiando e participando da luta dessa classe economicamente definida.

Entretanto, a existência da classe, em especial a operária, não se resolve num agrupamento de indivíduos, nestes termos, a classe não se confunde com a totalidade do proletariado, nem mesmo com um conjunto de agentes aos quais se atribui uma consciência possível. Ou seja, constata-se que o caminho de constituição da classe, e da consciência de classe⁵, não é predeterminável, porém, ao contrário, a organização das classes sociais ocorre no decorrer das lutas e apenas no decorrer das lutas é uma classe. Nesse sentido, a ânsia em promover a classe operária em perspectiva revolucionária esbarra numa dificuldade teórica clássica, qual seja, segundo argumentação colocado por Przeworski (1989), a raiz desse problema pode ser encontrada na formulação de Marx, na qual os processos de formação de classes são vistos como uma transição necessária de uma “classe em si” para uma “classe para si”, formulação essa em que as relações econômicas são classificadas como condições objetivas e todas as outras relações são consideradas como pertencentes a esferas de ações subjetivas. De maneira esquemática e resumida, na perspectiva marxista, na estrutura de relações capitalistas, as classes aparecem como categorias de pessoas ocupando posições semelhantes em relação aos meios e ao processo de produção e, em termos políticos (e científicos, porque não dizer) o socialismo conduziria o movimento da “classe em si” à “classe para si”.

⁵ Para Guimarães (1999), a inserção e o debate acerca do conceito de “classes sociais” se desenvolveu no Brasil, de certo modo, tardiamente e nasce junto com a academia. Por outro lado, a análise sociológica passou a ter explicitamente as classes sociais como objeto fundamental. O papel da sociologia consistia em interpretar e explicar um fenômeno social qualquer a partir do comportamento e das atitudes de atores coletivos, referidos, direta ou indiretamente, às classes sociais, prescindindo ou não de atores individuais. A análise das classes sociais e sua dinâmica torna-se a principal ferramenta da sociologia.

No entanto, obviamente, a análise e o estudo do movimento das classes sociais não pode se limitar às pessoas que ocupam lugares no sistema de produção. Abordagens teóricas de distintos autores amparam essa tendência, mesmo os que enfocam particularmente ações da classe trabalhadora⁶, como Hobsbawm⁷, considera um aspecto dinâmico e variável. De maneira semelhante, Thompson⁸ (1987), salienta em sua reflexão, que a classe não pode ser vista como uma “estrutura”, nem mesmo como uma “categoria”, mas como algo que ocorre efetivamente (e cuja ocorrência pode ser demonstrada) nas relações humanas. No seu entender, o *fazer-se da classe*, em foga a operária, é um fato tanto da história política e cultural quanto da econômica, ou seja, ela não foi gerada espontaneamente pelo sistema fabril. Dessa maneira, acrescenta que a classe é definida pelos homens enquanto vivem sua própria história.

Por outro lado, noutra problema teórico, a noção de classe, por parte dos próprios atores sociais (não é nenhuma novidade) foi intensificada pelo processo de proletarianização inerente ao processo capitalista, o qual a grande parte dos empregados de *colarinho-branco* não se considera incluídos à classe operária, por exemplo. Pode-se admitir, desde então, que dentro do próprio universo da classe operária existem divisões e hierarquias pouco conhecidas.

A contribuição de Poulantzas (1978), atribui às relações políticas e ideológicas o *status* de condições objetivas de lutas de classes, desliga-se dos elementos economicistas. Reconhece, por sua vez, que as relações ideológicas e políticas são objetivas com respeito ao movimento das classes que a luta de classes é determinada pela totalidade das relações

⁶ Quanto à trajetória dos estudos operários e, sobretudo, da classe operária no Brasil, há um vasto campo teórico que se avoluma desde o início do século XIX. Entretanto, salienta Batalha (2000), que há uma perda de interesse acadêmico na história operária. A mudança na conjuntura ocorrida em fins da década de 1980, marcada pelo descenso do movimento operário-sindical, teve peso nesse processo. A crise da esquerda, em uma perspectiva internacional agravada pelo desmantelamento do socialismo real, sugerem que a história operária, (pelo menos como escrita até então) deixou de ter valor explicativo para o presente.

⁷ Para Hobsbawm, num enfoque que buscava identificar o *surgimento* singular de um tipo específico de trabalhador afirma que "embora as classes nunca estejam prontas no sentido de acabadas, ou de terem adquirido sua feição definitiva, é somente a partir de 1820 e 1930, na Inglaterra e parte da Europa, que é possível aplicar esse termo de classe trabalhadora, em distinção aos trabalhadores tradicionais". (1987, p. 273)

⁸ Na linha de identificar o *surgimento* da classe operária, Thompson acerta que "a classe operária não surgiu tal como o sol em uma hora determinada e que por classe entende ser um fenômeno histórico que unifica uma série de acontecimentos díspares e aparentemente desconectados, tanto na matéria-prima da experiência como na consciência" (1987, p. 17, v. 2).

econômicas, ideológicas e políticas que caracterizam uma situação histórica específica. Em outra perspectiva, as reflexões de Olson (1999) – sobre a sociedade norte-americana na década de 1970, em estudo sobre a dinâmica dos grupos sociais, contraria uma idéia quase consensual que os grupos de indivíduos com interesses comuns, sobretudo interesses econômicos, usualmente tentam promover esses interesses comuns. portanto, espera-se que os grupos de indivíduos com interesses comuns ajam por esses interesses tanto quanto se espera que os indivíduos isoladamente ajam por seus interesses pessoais. Porém, segundo o autor, não é verdadeira a idéia de que os grupos agirão para atingir seus objetivos numa seqüência lógica da premissa do comportamento racional, centrado nos próprios interesses. Admitir que a ação as pessoas, em termos racionais, de seus próprios interesses, destoe das práticas orientadas pelas cartilhas de um determinado grupo, partido ou sindicato, é de suma importância para compreender o movimento das classes tal como realmente é.

Consideramos que “classe” é o nome de uma relação e nessa perspectiva, não é o operário (ou empresário) que está sendo constantemente organizado como classe e sim uma variedade de pessoas, algumas das quais estão separadas do sistema de produção. Os processos de constituição da classe não ocorrem no vácuo, são intrinsecamente vinculados à totalidade dos processos pelos quais uma coletividade surge em luta em determinados momentos da história. A experiência imediata das relações sociais, aquela baseada na renda, caráter do trabalho, lugar no mercado, prestígio das ocupações, não se transforma por si mesma em identificação coletiva, pois é mediada pelas práticas ideológicas e políticas dos movimentos engajados no processo de formação de classes. Admitimos a dificuldade teórica em refletir acerca do processo e desenvolvimento das classes sociais, entretanto entendemos que fica patente a necessidade de abandonar a ficção de uma divisão *dicotômica* de classes nas formações sociais capitalistas.

Não se pode refutar as reflexões de Max Weber (1983), orientando uma necessária distinção entre “situação de classe” e “situação de status”. Segundo Weber⁹, a posição nas relações de produção (propriedade dos meios de produção) não é suficiente para determinar a situação de classe, uma vez que as posições nas relações de distribuição

⁹ Max Weber, ao separar analiticamente as dimensões econômicas, política e social da distribuição do poder nas sociedades foi mais longe: deu um sentido mais preciso ao termo “classe”, distinguindo-o dos fenômenos ligados à distribuição da honra e do prestígio sociais. Tal separação analítica permitiu que se pudesse problematizar, desvinculada da distribuição econômica de riquezas, a comunidade, nas sociedades modernas, dos fenômenos de distribuição da honra e do prestígio sociais.

(mercado, estilo de vida e condição de dependência) e nas relações de autoridade (poder) não refletem unicamente as relações de propriedade. Ademais, o status e poder não são dicotômicos. O sistema de estratificação distribui as pessoas ao longo de estratos contínuos, com a *classe média* avolumando-se no meio.

Em relação ao contexto de formação e desenvolvimento das classes sociais no município de Franca/SP, como salienta Barbosa (2006), o trabalho é o principal responsável no processo que constituiu e consolidou o parque industrial em Franca. A identidade do *sapateiro* em Franca é construída fortemente com apelo ao trabalho, em termos éticos, no qual o aspecto operário parece perpassar as fronteiras da dicotomia das classes, verificando (com exemplos mais adiante) que muitos empresários de sucesso do município fazem questão de afirmar essa característica nas suas condutas e estilo de vida.

Portanto, não podemos excluir de qualquer tentativa de analisar esse movimento de classes sociais, também as esferas culturais e simbólicas que se inserem as pessoas, na perspectiva reflexiva de Pierre Bourdieu (2003, p. 134), segundo a qual a representação do mundo social, em forma de um espaço (de várias dimensões), somente pode ser construído na base de princípios de diferenciação ou de distribuição construídos pelo conjunto das propriedades que atuam no universo social considerado.

Não se trata, simplesmente, de menosprezar a noção de marxista sobre a "expressão sistemática" da ordem econômica e social, como sendo legitimamente constituída e tratada como sistema, podendo tornar-se o objeto de apreensão estrutural, mas sobretudo também considerar as esferas simbólicas e culturais, foram, e são, pouco consideradas.

Para Bourdieu, uma classe não pode jamais ser definida apenas por sua situação e por sua posição¹⁰ na estrutura social, isto é, pelas relações que mantém objetivamente com outras classes sociais, porque, por suposto, os seus membros se envolvem em relações simbólicas com indivíduos das outras classes.

¹⁰ Posição de classe, condição inerente à história e cultura social; Situação de classe, lugar em que cada indivíduo ocupa no sistema produtivo de cada sociedade. A mesma situação de "mercado". repousa sobre a propriedade. Ocupar uma posição de classe (em determinada ordem social-econômica), não indica ou pode significar de fato uma mudança de hábitos de classe. A posição de um determinado agente no espaço social pode assim ser definida pela posição que ele ocupa nos diferentes campos, quer dizer, na distribuição dos poderes que atuam em cada um deles, seja, sobretudo, o capital econômico – nas suas diferentes espécies –, o capital cultural, o capital social e o capital simbólico, geralmente chamado de prestígio, reputação, fama, etc. Esse é a forma percebida e reconhecida como legítima das diferentes espécies de capital.

É a independência relativa do sistema de atos e procedimentos expressivos, ou por assim dizer, das marcas de distinção, graças às quais os sujeitos sociais exprimem, e ao mesmo tempo constituem para si mesmos e para os outros, sua posição na estrutura social (e a relação que eles mantêm com esta posição) operando sobre os "valores" necessariamente vinculados à posição de classe, uma duplicação expressiva que autoriza a autonomização metodológica de uma ordem propriamente cultural. (BOURDIEU, 2011, P. 14)

Para Bourdieu, considerando o espaço das posições sociais, "as *classes*, em sentido lógico do termo, quer dizer, conjuntos de agentes que ocupam posições semelhantes e que, colocados em condições semelhantes e sujeitos a condicionamentos semelhantes, têm com toda a probabilidade, atitudes e interesses semelhantes, logo, práticas e tomadas de posição semelhantes" (2003, p. 136). Por isso mesmo, para o autor, a existência dessa configuração de classe social é teórica, *no papel*, serve como um produto de classificação explicativa. Estas classes que são recortadas no espaço social (por exemplo, por exigências da análise estatística) não existem como grupos reais, embora expliquem a probabilidade de se constituírem em grupos práticos, famílias, clubes, associações e mesmo "movimentos" sindicais ou políticos. O que é de suma importância, mas pouco considerado, é a existência de fato de um espaço de relações que é tão real como um espaço geográfico, no qual as mudanças de lugar se pagam em trabalho, em esforços e sobretudo em tempo.

O espaço social e as diferenças que nele se desenham "espontaneamente" tendem a funcionar simbolicamente como *espaço dos estilos de vida*, isto é, de grupos caracterizados por estilos de vida diferentes. Nesse sentido, é importante reforçar mais uma vez, que uma classe não é sinônimo de um coletivo homogêneo e fechado, mas sobretudo, a classe passeia ou paira no âmbito do espaço das relações, não somente sociais e econômicas, mas também culturais e simbólicas e que, por isso mesmo, buscam uma distinção inerente à sua condição. Nessa perspectiva, ser sapateiro, entrelaçado às funções do fabrico do calçado, é ser reconhecido por todos, atribuindo uma faceta do capital simbólico, que impõe uma instância oficial, sendo o título profissional de uma espécie de regra jurídica de percepção social, um ser-percebido que é garantido como um direito. Esse é um capital simbólico não apenas institucionalizado, mas legítimo.

Por suposto, compreender a dinâmica e lacunas do caráter de ser sapateiro, inserido no jogo de posições de classes, é uma ambição que nos persegue. Mendes (2005)

assinala que, não é por coincidência, praticamente em todos processos trabalhistas levantados e analisados na ocasião, as diferentes e variadas categorias e funções no universo produtivo do calçado são representadas pelo termo sapateiro. por conseguinte, ser sapateiro, estabelecer-se sapateiro, necessita de uma história de esforços de diversas naturezas que proporcionam, a um só tempo, a valorização simbólica da profissão e a possibilidade de ocupar novas posições nesse abstrato e rico espaço de relações. Em outras palavras, está permeado de uma nuance que se revela rica de capital cultural e simbólico que, de tempos em tempos, pode ser valorizada ou mesmo desprezada.

4- Considerações finais: empresários de “pés descalços”

Constata-se que a persistência da fabricação predominantemente manufatureira na indústria do calçado possibilitou a sobrevivência do “saber-fazer” e da “habilidade” como fatores importantes no universo da produção, não fazendo da subsunção plena do trabalho à maquinaria uma realidade incondicional, ao contrário das interpretações teóricas tradicionais (CANO, 1998; MELLO, 1984; SILVA, 1976), a indústria calçadista local teve como característica fundamental a evolução gradativa da fase artesanal, passando à manufatureira, para depois de quase meio século alcançar o estágio de grande indústria. Deste modo, encontramos a origem do empresariado do calçado em modestos empreendimentos iniciados por artesãos e pequenos comerciantes. Em Franca o grande capital esteve ausente da formação da indústria do calçado, somente se fazendo presente a partir dos anos 1960, quando o setor já se encontrava plenamente consolidado no município. Dentre as 497 empresas registradas nos vinte e cinco anos entre 1945 e 1969, apenas cinco (1%) iniciaram suas atividades já como empresas de médio porte. Em 1945 apenas um entre os proprietários das dez maiores empresas não tinha ascendência operária ou na classe dos trabalhadores rurais (BARBOSA, 2006).

Nos dias atuais, a pesquisa apontou que nada menos que 65% dos empresários pesquisados declararam terem sido operários antes de se tornarem industriais; e o tempo médio de exercício dessa profissão gira em torno de 9 anos. Destes, 70% chegaram a realizar alguma atividade ligada à produção no início da empresa e 45% ainda realizam tais funções. Percebeu-se que o ofício, a habilidade manual, pode ser interpretado como uma porta de acesso ao “mundo empresarial” e a capacidade criativa constitui um aspecto

relevante a explicar a emergência de empresários do setor, já que essa é uma indústria na qual a magnitude do capital não parece ser componente decisivo para o início do empreendimento.

Mas, por outro lado, pôde-se inferir também que são características predominantes desse empresariado a mentalidade tradicional, o aferrado apego a modelos obsoletos de gestão, baixo nível de cooperação e frágeis relações de confiança no interior da cadeia produtiva. Há pouco investimento em inovação, sendo que 40% dos empresários declararam adquirir novos maquinários apenas quando há desgaste do equipamento em uso; 80% adquirem máquinas para suas fábricas em revendas de usados. Três quartos dos empresários não vêem a cooperação como fator importante para o desempenho econômico da organização. Menos da metade consideram a qualificação da mão-de-obra como essencial à empresa. Em 80% dos casos não há utilização de sistemas informatizados para a concepção e manufatura do produto (CAD/CAM)¹¹ e em 90% não há preocupação do empresário com a importação de matérias-primas ou insumos a custo menor ou de melhor qualidade.

A resposta de um dos sócios de empresa de médio porte, ou seja, com mais de 250 empregados, à pergunta sobre sua escolaridade, é ilustrativa de como as trajetórias são construídas nessa indústria predominantemente a partir do *saber-fazer* e não do conhecimento técnico-científico: “Eu estudei até a oitava. Mas, vai é na prática mesmo”. Do mesmo modo, sua resposta ao questionamento sobre a realização de alguma leitura sobre administração de empresas reforça ainda mais essa visão: “Não. Mais é a prática mesmo. Pelo tempo que a gente vem né?” (Depoimento: Empresário J - Franca).

Por outro lado, suas falas dão a dimensão do quão enraizada nos estratos inferiores estão as suas origens sociais, o que pode explicar, em certa medida, o aparente “deslocamento” no exercício de algumas funções de empresário. Vejamos alguns casos:

Meus pais trabalharam na lavoura até virem para a cidade. Na cidade meu pai foi carroceiro, depois servente de pedreiro até se aposentar. Minha foi lavadeira de roupas até quando sua saúde permitiu. Meu pai cursou apenas até o terceiro ano primário da época, já minha mãe é analfabeta (Depoimento: Empresário A - Franca).

¹¹ CAD (*Computer Aided Desing*)/CAM (*Computer Aided Manufacturing*)

Minha família era da zona rural de Franca, tendo vindo para a cidade, quando eu tinha aproximadamente 2 anos de vida, meus pais com curso primário, ele se estabeleceu como barbeiro, onde com a ajuda de minha mãe que lavando roupas para outras famílias e depois trabalhando como balanceira de sola e fazedeira de tacão, (salto de sola) (Depoimento: Empresário E - Franca).

Pai pedreiro, mãe do lar. Viemos da vida rural para a vida urbana. Família pobre e numerosa (Depoimento: Empresário F - Franca).

Portanto, como classificar esses atores sociais, uma vez que ater-se unicamente pela sua identificação com a propriedade dos meios de produção, não nos parece indicar uma classificação satisfatória. Nesse sentido, a transição de uma situação à outra – do operariado ao patronato – se dá em grande parte dos casos sob mediações que revelam a ambivalência da situação vivenciada por tais indivíduos. Nossa interpretação acerca da constituição da “classe empresarial” ligada à indústria do calçado não se prende à uma abstrata categoria de análise, qual seja, vinculada estritamente à condição imaginada dos indivíduos em relação à propriedade dos meios de produção, mas atenta, sobretudo, para a sua dinâmica concreta, em curso na tessitura das experiências sociais cotidianas. Julgamos que as características peculiares do objeto de pesquisa exige esse cuidado, sob pena de não se conseguir captar toda a riqueza do exemplo.

As condições objetivas neste caso apontam para a necessidade de superação da visão dualista da classe, baseada na sistemática oposição capital-trabalho. E no caso de nosso objeto de estudo é claramente perceptível a existência de uma fronteira pouco rígida entre os mundos do capital e do trabalho. A declaração de Urias Francisco Cintra, diretor-presidente da *Democrata*, empresa surgida em meados dos anos 80 e atualmente líder no mercado de sapatos masculinos brasileiro, em entrevista à revista *Forbes Brasil*, é emblemática do percurso compartilhado por tantos outros industriais do calçado: “A minha história é a do sapateiro que cresceu” (PASSO MODERNINHO, 2006). Do mesmo modo, determinada ênfase do discurso de posse de Jorge Félix Donadelli na presidência do Sindicato da Indústria de Calçados de Franca, em 2006, não esconde a inegável relação da condição anterior do empresário com seu *status* atual: “Nosso setor vive no abandono e sobrevive da bravura do empresário que não esmorece porque acredita no ideal de ser sapateiro” (DONADELLI, 2005, p. B-3). Exemplos como os mencionados são inúmeros na experiência da estrutura econômico-social do setor. A transição de uma condição à outra – do operariado ao patronato – se dá em grande parte dos casos sob mediações que

revelam a ambivalência da situação vivenciada por tais indivíduos. Por isso, concordamos com a reflexão de Bourdieu acerca das “insuficiências da teoria marxista das classes e, sobretudo, a sua incapacidade de explicar o conjunto das diferenças objetivamente provadas” (2004a, p. 152).

Percebemos que a grande maioria dos empresários do setor enfrenta problemas e dificuldades financeiras muito semelhantes àquelas enfrentadas por setores do operariado e assalariados urbanos. Dessa forma, sua “posição de classe” os coloca distante daquela fração empresarial que já se encontra consolidada no mercado e dirige os destinos setor do ponto de vista político. Sua origem peculiar certamente influi no comportamento empreendedor e no estabelecimento de condutas pouco típicas para agentes em ação no jogo capitalista contemporâneo. Nossa hipótese é a de que o *habitus*¹² da condição anterior não se apaga na – precária – transição à condição do patronato, ainda que se promova uma gradativa transformação – tanto mais se pensarmos que 70% dos empresários declararam não possuir curso superior, sendo que muitos deles cursaram apenas o ensino fundamental (antiga 8ª. série). Atitudes mencionadas pelos empresários nas entrevistas e que se reproduzem nos questionários analisados denotam uma evidente não-adaptação da grande maioria ao universo da racionalidade econômica exigida pela competição capitalista. Parece se confirmar, assim, a análise de Bourdieu segundo a qual

a adaptação às exigências da economia é o efeito tanto de uma conversão da consciência quanto de uma adaptação mecânica às restrições da necessidade econômica: a invenção pressuposta por ela não é acessível senão àqueles que detêm um mínimo de capital econômico e cultural, isto é, um mínimo de poder sobre os mecanismos que devem estar sob seu controle” (1998, p. 88).

Adiantamos que toda essa construção social e cultural em torno dessa característica peculiar do setor produtivo do calçado orientou condutas de distinção social que, embora não possa sobreviver sem o fator trabalho vivo, pouco valoriza, em termos positivos o trabalhador do setor. Ou seja, a própria ascensão social e econômica corresponde a uma luta particular (quase marginal) em “se dar bem” dentro de um jogo de

¹² De acordo com Bourdieu (2004b, p. 61), a noção de *habitus* corresponde a “um conhecimento adquirido e também um haver, um capital (de um sujeito transcendental na tradição idealista), o *habitus*, a *hexis*, indica a disposição incorporada, quase postural”. O *habitus* seria, então, uma matriz cultural que predispõe os indivíduos à certas escolhas, a determinados comportamentos.

linguagem e condutas que não favorece e enriquece o setor produtivo do calçado em termos coletivos. Por outro lado, no híbrido social constituído, por exemplo, do empresário/ operário, quase sempre não consegue abandonar sua posição de classe, nos termos de Bourdieu, oferecendo um mosaico social, muitas vezes ilegível.

Enfim, à luz da experiência concreta, das representações assumidas pelas dimensões do capital e do trabalho na estrutura econômico-social local, uma definição da noção de classe referenciada nos marcos da interpretação marxista tradicional mais confunde que esclarece a natureza da dinâmica social inscrita entre os fios e tramas das relações sociais que tem lugar nesse território produtivo. Ainda que o turbilhão de mudanças trazidas pelo hiperdesenvolvimento capitalista das duas últimas décadas aponte para a hegemonia das grandes corporações como uma realidade inexorável, há que se atentar para o fato de que essa espécie de “superestrutura da história global” não é e não deve ser a totalidade da história dos homens, conforme já ensinava Fernand Braudel (1996) ao tratar do vigor com que a civilização do capitalismo passou a fazer parte da trajetória humana a partir do século XV. Neste aspecto, o que buscamos aqui foi tentar demonstrar que no contexto do capitalismo contemporâneo, a realidade histórica por nós observada comporta uma formação diferenciada e que, por conseguinte, possui também uma dinâmica econômico-social distinta dos modelos convencionais baseados no predomínio do *grande capital*, que geralmente servem de parâmetro às análises de funcionamento do sistema. Julgamos que, desse modo, foi possível ir além de uma categorização de classe que mantém estática, inabalável, *transistórica*, em direção a uma idéia do problema que procure focar a complexidade inerente à teia de experiências concretas vivenciadas por homens e mulheres nas suas relações com indivíduos com os quais compartilham condições de existência, práticas profissionais, sonhos, expectativas e inserção no universo produtivo.

5- Referências

- BARBOSA, Agnaldo de Sousa. **Empresariado fabril e desenvolvimento econômico: empreendedores, ideologia e capital na indústria do calçado (Franca, 1920-1990)**. São Paulo: Hucitec/FAPESP, 2006.
- _____; MENDES, Alexandre Marques. Capital, trabalho e formação da classe na indústria de calçados. **Políticas Públicas e Sociedade**. v.1; n. 5; Jan./Jun.; 2003.
- _____ & Marco Aurélio Barbosa de . Cooperação empresarial, capital social e desenvolvimento regional: a experiência das aglomerações industriais de Franca e Birigui. *Redes - Revista de Desenvolvimento Regional*, Santa Cruz do Sul, v. 16, p. 32-46, 2011.

- BATALHA, Cláudio H. M. A historiografia da classe operária no Brasil: trajetória e tendências. In.: FREITAS, Marcos Cezar (org.). **Historiografia brasileira em perspectiva**. São Paulo: Contexto, 2000.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- BOURDIEU, P. "Futuro de classe e causalidade do provável". In: **Escritos de Educação**. Organizado por NOGUEIRA, M. A. & CATTANI, A. M. Petrópolis: Vozes, 1998.
- _____. "Espaço social e gênese das «classes»". In: **O Poder Simbólico**. 7. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004a.
- _____. "A gênese dos conceitos de habitus e de campo". In: **O Poder Simbólico**. 7. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.
- _____. "Condição de classe e posição de classe". In: **A economia das trocas simbólicas**. 7ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- _____. "Espaço social e gênese das classes". **O poder simbólico**. 6. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
- BRAUDEL, Fernand. **Civilização Material, Economia e Capitalismo (Séculos XV-XVIII)**. Vol. 3. SP: Martins Fontes, 1996.
- COSTA, Achyles Barcelos da. "Competitividade da indústria de calçados: nota técnica setorial do , complexo têxtil". In: COUTINHO, Luciano G. et al (Coords.). **Estudo da Competitividade da Indústria Brasileira**. Campinas, SP: FECAMP: MCT: FINEP: PADCT, 1993, pp. 01-104. Disponível em: <www.mct.gov.br/publi/Compet/Default.htm> (Acesso em abril/2001).
- CANO, Wilson. **Raízes da Concentração Industrial em São Paulo**. 4. Edição. São Paulo: UNICAMP/IE, 1998.
- COCCO, Giuseppe. **Trabalho e cidadania: produção e direitos na era da globalização**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001.
- _____. et al. **Empresários e empregos nos novos territórios produtivos: o caso da Terceira Itália**. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- DONADELLI: preparado para enfrentar desafios. **Momento Franca**. 2. quinzena, nov/2005, p. B-3.
- ESTANQUE, Elísio. **Entre a Fábrica e a Comunidade: subjectividade e práticas de classe no operariado do calçado**. Porto: Afrontamento, 2000.
- GORZ, A. **O Imaterial: Conhecimento, Valor e Capital**. São Paulo: Annablume, 2005.
- GIDDENS, Anthony; BECK, Ulrich; LASCH, Scott. **Modernização reflexiva**. São Paulo: UNESP, 1997.
- HARVEY, David. **A Condição Pós-Moderna**. 11. ed. São Paulo: Loyola, 2002.
- HOBSBAWM, Eric J. **Mundos do Trabalho**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- PASSO MODERNINHO. **Forbes Brasil**, n. 106, São Paulo, Editora JB, 2006.
- GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. Classes Sociais. In: MICELI, Sérgio (org.). **O que ler na ciência social brasileira (1970-1995)**. São Paulo: Editora Sumaré/ ANPOS; Brasília, DF: CAPES, 1999.
- MARX, Karl; Engels, F. **Manifesto Comunista**. Trad.: Maria arsênio da Silva. São Paulo: CHED, 1980.
- _____. **O Capital: Crítica da Economia Política**. 15. ed. Rio de Janeiro: Bertand Brasil, livro 1, v. 1. 1996.
- Mendes, Alexandre Marques. **Classe trabalhadora e justiça do trabalho: experiências, atitudes e expressões do operário do calçado (Franca-SP/ 1968-1988)**. Tese (Doutorado em Sociologia) FCLar – UNESP, 2005.

- MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO INDÚSTRIA E COMÉRCIO. **Balança Comercial Brasileira por Município**. Brasília, 2010.
- MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO. **Relatório Anual de Informações Sociais**. Brasília, vários anos.
- MELLO, João Manuel Cardoso de. **O Capitalismo Tardio**. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- NAVARRO, Vera Lúcia. **A produção de calçados de couro em Franca/ SP: a reestruturação produtiva e seus impactos sobre o trabalho**. 1998. Tese (Doutoramento em Sociologia)-Universidade Estadual Paulista - Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara/SP, 1998.
- OLSON, Mancur. **A lógica da ação coletiva: os benefícios públicos e uma teoria dos grupos sociais**. São Paulo: EDUSP, 1999. (Clássicos; 16)
- PICCININI, Valmíria Carolina. Mudanças na indústria calçadista brasileira: novas tecnologias e globalização do mercado. **Read - Revista Eletrônica de Administração**. PPGA - Escola de Administração da UFRGS, Rio Grande do Sul, n.25 , 2001.
- POULANTZAS, Nicos. **As classes sociais no capitalismo de hoje**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.
- PRZEWORSKI, Adam. **Capitalismo e Social-Democracia**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- RINALDI, Dalva Marlene Chioca. **O façõnismo em Franca**. Franca: FHDSS – UNESP/Franca, 1987. (História e Ensino).
- SENNETT, Richard. **A corrosão do caráter: conseqüências pessoais do trabalho vivo no novo capitalismo**. 5. ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- SILVA, Sérgio. **Expansão Cafeeira e Origem da Indústria no Brasil**. São Paulo: Alfa-Ômega, 1976.
- SINDIFRANCA [Sindicato da Indústria de Calçados de Franca]. **Mapeamento do setor calçadista**. Franca, nov/2010.
- SORJ, Bernardo. **A nova sociedade brasileira**, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.
- THOMPSON, E. P. **A formação da classe operária inglesa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo: Pioneira, 1983.

6- Entrevistas

Empresário A - Franca. **Depoimento** [18.06.2006]. Entrevista a Agnaldo de Sousa Barbosa. Novos Empreendedores na Indústria do Calçado: Formação Social e Ação Empresarial. Projeto de Pesquisa, Programa Jovem Pesquisador – FAPESP (Proc.: 03/13963-0), 2005-2008.

Empresário E - Franca. **Depoimento** [05.07.2006]. Entrevista a Agnaldo de Sousa Barbosa. Novos Empreendedores na Indústria do Calçado: Formação Social e Ação Empresarial. Projeto de Pesquisa, Programa Jovem Pesquisador – FAPESP (Proc.: 03/13963-0), 2005-2008.

Empresário F - Franca. **Depoimento** [15.08.2006]. Entrevista a Agnaldo de Sousa Barbosa. Novos Empreendedores na Indústria do Calçado: Formação Social e Ação Empresarial. Projeto de Pesquisa, Programa Jovem Pesquisador – FAPESP (Proc.: 03/13963-0), 2005-2008.

Empresário J - Franca. **Depoimento** [26.06.2006]. Entrevista a Catarine Palmieri Pitangui. A Gestão de Recursos Humanos no setor calçadista: o caso de Franca-SP. Projeto de Pesquisa, Mestrado em Engenharia de Produção, UFSCar, 2006-2008.